



ESTÉTICA DECOLONIAL: A FERIDA COLONIAL NAS TEORIAS ESTÉTICAS TRADICIONAIS

Emanoelle Vitoria de Paula Barros¹; João Marcelo Costa Macêdo²; Mateus Jerônimo Santos³; Cristina de Oliveira Figueiredo⁴

1 Emanoelle Vitoria de Paula Barros, Bolsista Voluntária, Mineração, IFMG Campus Ouro Preto, Ouro Preto - MG; paulaemanoelle2007@gmail.com

2 João Marcelo Costa Macedo, Bolsista Voluntário, Mineração, IFMG Campus Ouro Preto, Ouro Preto - MG; jomacoma8@gmail.com

3 Mateus Jeronimo Santos, Bolsista Voluntário, Mineração, IFMG Campus Ouro Preto, Ouro Preto - MG; mateusjsantos14@gmail.com

4 Orientador: Cristina de Oliveira Figueiredo, Pesquisadora do IFMG, Campus Ouro Preto; cristina.figueiredo@ifmg.edu.br

RESUMO

A abordagem da decolonialidade, como uma perspectiva teórica, busca desafiar e superar as estruturas de poder e influências coloniais que moldaram a sociedade moderna desde o período colonial. As expressões culturais, embora tenham sido influenciadas pela visão europeia durante o período colonial, também servem como meios de resistência. A estética decolonial desafia conceitos estabelecidos de arte e estética, buscando libertar a subjetividade das normas impostas pela colonização. A estética decolonial, por sua vez, confronta a ideia de uma ferida colonial, que é uma consequência das normas estéticas impostas pela colonização, afetando tanto o intelecto quanto os sentidos das pessoas. Ela busca repensar, como por exemplo, o patrimônio colonial em locais como Ouro Preto, uma cidade rica em história colonial. Embora seja reconhecida por sua arquitetura e museus que preservam essa herança, é importante reconsiderar como essa memória é representada, especialmente no que diz respeito à contribuição das pessoas negras, muitas vezes silenciadas na narrativa histórica predominante. O presente projeto de pesquisa visa investigar como a abordagem decolonial aplicada à estética filosófica pode auxiliar na identificação e compreensão da influência da herança colonial em Ouro Preto, promovendo uma perspectiva decolonial e estabelecendo vínculos com narrativas historicamente silenciadas. Isso implica em explorar manifestações artísticas que vão além das influências coloniais, enquanto se escuta atentamente a narrativa colonial da cidade, com o objetivo último de construir uma sociedade contemporânea mais inclusiva e consciente de sua história.

PALAVRAS CHAVES: filosofia, estética, pensamento colonial, pensamento decolonial, ferida colonial

INTRODUÇÃO:

A abordagem da decolonialidade como uma perspectiva teórica permite entender como a sociedade moderna foi moldada por ideias dominantes desde o período colonial. No contexto do continente americano, a partir do século XVI, quando os países europeus conquistaram territórios americanos e subjugararam os povos originários, a colonialidade emergiu como uma estrutura de poder



usada para organizar, controlar e explorar tanto as pessoas quanto os recursos naturais. A decolonialidade, por outro lado, refere-se a processos que buscam gradualmente se libertar dessa matriz colonial de poder. Isso pode ser exemplificado pela criação de organizações sociais e movimentos que buscam desafiar e superar as influências e legados coloniais, promovendo “a liberação dos sujeitos reprimidos e marginalizados pelo racismo e patriarcado, assim como pelos valores imperiais” (GOMÉS & MIGNOLO, 2012, p.13).

As culturas artísticas desempenham um papel significativo na matriz colonial de poder, influenciando a forma como moldam e afetam a subjetividade. É evidente que a visão europeia da arte e da história da arte se estendeu às colônias e aos países do Sul Global, ganhando proeminência entre as elites dominantes. No entanto, as expressões culturais também servem como meios de resistência, e a ideia de uma “estética decolonial” desafia o próprio conceito estabelecido de estética, especialmente tal como era entendido no século XVIII (GOMÉS & MIGNOLO, 2012, p.8). Segundo Gomés e Mignolo, “As estéticas decoloniais buscam decolonizar os conceitos tradicionalmente coniventes de arte e estética, a fim de libertar a subjetividade. Se uma das funções explícitas da arte é influenciar e afetar os sentidos, as emoções e o intelecto, e se a filosofia estética visa entender o significado da arte, então as estéticas decoloniais, tanto em seus processos de criação quanto em seus produtos, começam por abordar aquilo que a arte e as estéticas ocidentais implicitamente ocultam: a ferida colonial” (GOMÉS & MIGNOLO, 2012, p.9).

Endossado pela estética filosófica, a ferida colonial é sentida e sofrida tanto no intelecto quanto nos sentidos do indivíduo, pois são constantemente interpelados por símbolos ou discursos que manifestam o que deve e o que não deve ser apreciado artisticamente. A ferida colonial é um fenômeno que perdura ao longo do tempo, sendo sustentada por categorias de pensamento, sentimento e comportamento que se desenvolveram durante o processo de expansão ocidental a partir de 1500. “A civilização ocidental foi a última a aparecer em vida no planeta e a primeira que conseguiu estender os seus domínios sobre as civilizações existentes” (GOMÉS & MIGNOLO, 2012, p.13). Esse domínio tem sido mantido por mais de 500 anos e tem moldado as noções de existência e de poder. A arte e a estética desempenharam um papel significativo na colonização da subjetividade ao longo desse período. Atualmente, um dos principais desafios da estética decolonial é libertar a *aíesthesis* (percepção sensorial) da influência da *aesthetic* (estética tradicional) (GOMÉS & MIGNOLO, 2012, p.9). Isso implica em repensar as normas estéticas impostas pela colonização e buscar uma compreensão mais autêntica e inclusiva da beleza e da expressão artística que foram silenciados.

A palavra *aesthetic* pertence à área da filosofia, enquanto *aíesthesis* se refere à linguagem em geral. Se considerarmos que *aesthetic* está ligada ao discurso colonial e a uma normatividade que influenciou a forma como percebemos as coisas, a estética decolonial (*aíesthesis*) se torna uma crítica às práticas artísticas que buscam libertar nossas percepções da influência colonial da *aesthetic* (MIGNOLO & VAZQUEZ, 2019, p.8). De outra forma, a *aesthetic* se tornou uma palavra com uma conotação eurocêntrica no século XVIII, quando se tornou um conceito fundamental na teoria das sensações, em contraste com o conceito de razão. Kant, posteriormente, a transformou em um conceito crucial para regular a percepção da beleza e do sublime. Esse ponto de virada marcou



o início da estética moderna, que surgiu da experiência europeia e se estabeleceu como o padrão universal para a capacidade de apreciar a beleza e o sublime. Dessa forma, “a *aesthetic* colonizou a *aisthesis* em dois aspectos: (i) no tempo, estabeleceu os padrões europeus desde aquela época até hoje e (ii) no espaço, foi estendido a toda a população do planeta terra” (MIGNOLO & VAZQUEZ, 2019, p.6). Tanto *aesthetic* quanto *razão* foram incorporadas à matriz colonial de poder. Atualmente, *aisthesis* representa um confronto com a estética moderna e suas consequências, buscando a decolonização da regulação da percepção de todas as sensações às quais os corpos respondem, tanto culturais quanto naturais (MIGNOLO & VAZQUEZ, 2019, p.6).

A modernidade, desde o seu início até hoje, possui uma estrutura básica que resulta em várias formas de colonialismo, domínio e exclusão. Isso inclui a colonialidade do poder, da identidade, da relação com a natureza e das sensações. A última forma mencionada, em particular, se manifesta principalmente através das expressões artísticas e estéticas, que desempenham um papel fundamental na expansão do poder colonial, abrangendo todas as esferas da vida, além do âmbito estritamente artístico (GOMÉS & MIGNOLO, 2012, p.15). Partindo do que foi lido até aqui, pergunta-se: “em que medida a estética decolonial possibilita repensar o patrimônio colonial em Ouro Preto/MG?”

Ouro Preto foi fundada em 1711, quando recebeu a denominação de Vila Rica de Albuquerque. Durante o auge do ciclo do ouro em Minas Gerais, a cidade se destacou como um dos principais centros dessa atividade. Essa exploração mineral trouxe um período de grande prosperidade para Vila Rica além de ter dado origem ao movimento artístico conhecido como barroco mineiro, deixando para trás um legado arquitetônico e escultural impressionante. Esse legado é evidenciado pelas magníficas igrejas e casarões que podem ser encontrados nas ruas da cidade.

Ademais, Ouro Preto é um importante símbolo na história do Brasil e é considerada de grande importância política devido ao papel que desempenhou na Inconfidência Mineira, um movimento que buscava a independência de Minas Gerais. A memória desse evento significativo na história brasileira é preservada no Museu da Inconfidência. Por outro lado, o conjunto arquitetônico de Ouro Preto é notável devido à sua coleção de igrejas, casarões e edifícios que representam a riqueza proveniente da exploração mineral durante o período colonial do Brasil. A preservação desse rico legado barroco levou ao seu tombamento pelo IPHAN em 1938 e à distinção de ser a primeira cidade do Brasil a ser reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1980.

É evidente que a história passada de Ouro Preto, com sua extração de metais preciosos e arte barroca, está bem preservada em seus museus e edifícios coloniais. No entanto, é importante reconsiderar como essa memória é representada na cidade, já que a narrativa histórica predominante é centrada na era colonial e muitas vezes negligencia a significativa contribuição das pessoas negras que desempenharam papel fundamental na construção da cidade, mas cujas vozes frequentemente foram silenciadas. Torna-se, portanto, crucial uma abordagem de decolonização da cidade e de sua narrativa histórica. Sendo a arte uma importante aliada nos processos de decolonização, pois ela é “um vetor essencial para operar essas mudanças de paradigmas, fomentar a práxis crítica, desdobrar as noções de verdade, tornar-se confortável na multiplicidade do real, construído uma sociedade de fato contemporânea” (GURGEL, 2023, p.2).



Baseando-nisso, este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar de que forma a abordagem decolonial aplicada à disciplina de estética filosófica pode nos auxiliar a identificar e compreender a influência da herança colonial na cidade de Ouro Preto, contando com a participação ativa dos estudantes. Dessa forma, busca-se fomentar a exploração de manifestações artísticas que não se limitam as influências coloniais, enquanto também se propõe a escutar atentamente a narrativa colonial de Ouro Preto. Em última análise, o projeto almeja promover uma perspectiva decolonial e estabelecer vínculos com narrativas historicamente silenciadas na trajetória do Brasil.

METODOLOGIA:

O projeto consistirá em uma investigação bibliográfica que abordará as principais teorias da estética tradicional, e posteriormente, da teoria estética decolonial. Além disso, faremos análises de obras de arte para examinar como elas perpetuaram símbolos europeus no Brasil, contribuindo para uma narrativa histórica que privilegiava a perspectiva europeia, enquanto silenciava as vozes da população colonizada.

E em um segundo momento, em uma abordagem mais prática, iremos interagir com os alunos-bolsistas, incentivando-os a questionar a preferência pela estética clássica na preservação do patrimônio histórico de Ouro Preto. Nosso objetivo principal é despertar a consciência dos alunos para o patrimônio da cidade, o que demanda um profundo debate sobre a questão colonial. Para isso, exploraremos temas históricos juntamente com uma análise filosófica crítica das categorias de pensamento tradicionais

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

- (i) Compreender os conceitos fundamentais da teoria estética tradicional para adquirir um entendimento abrangente das ideias que moldaram a percepção do sujeito ao longo da história;
- (ii) Analisar a estética decolonial, examinando suas premissas, conceitos-chave e implicações, a fim de compreender seu papel na desconstrução de estruturas coloniais;
- (iii) Investigar os aspectos específicos do legado da colonização da *aisthesis* pela *aesthetic* nas teorias estéticas tradicionais utilizando uma lente filosófica para examinar suas manifestações históricas, culturais e sociais, e como essas influências continuam a moldar a identidade e a experiência estética da até os dias atuais;
- (iv) Examinar de forma crítica a ferida colonial presente nos discursos predominantes sobre a história e a cultura de Ouro Preto/MG à luz das perspectivas estético-decoloniais, identificando e problematizando possíveis omissões, distorções ou marginalizações presentes nessas narrativas, e propondo alternativas que ampliem a pluralidade de vozes e experiências na construção do conhecimento estético e cultural.



CONCLUSÕES:

O estudo reafirma a importância da estética decolonial como uma abordagem crítica para compreender e desconstruir as influências coloniais na formação do patrimônio cultural da cidade de Ouro Preto/MG, assim como também a subjetividade de seus habitantes. Ao explorar o conceito de ferida colonial e suas implicações nas percepções artísticas e históricas, identificamos como a herança colonial permanece enraizada nas narrativas predominantes, frequentemente silenciando vozes marginalizadas, como as de populações negras e indígenas.

A pesquisa também demonstrou como as manifestações artísticas podem se tornar instrumentos poderosos de resistência e transformação, promovendo uma *aesthesis* que valoriza múltiplas formas de perceber e interpretar a história e a cultura. Nesse sentido, os estudantes envolvidos no projeto tiveram a oportunidade de questionar criticamente a hegemonia estética e contribuir para a valorização de perspectivas mais inclusivas e plurais.

Como perspectiva futura, propomos o desenvolvimento de práticas educativas que incentivem o engajamento crítico de comunidades locais na preservação e ressignificação de seus patrimônios. Assim, espera-se que esta pesquisa contribua para fomentar debates que auxiliem na construção de uma sociedade mais consciente e comprometida com a superação das estruturas coloniais.

REFERÊNCIAS:

ADRIANA VAREJÃO: Entre Carnes e Mares. Andrucha Waddington & Pedro Buarque. 2023.

ALCOFF, Linda Martín. A Epistemologia da Colonialidade de Mignolo. **Epistemologias do Sul**. n.1. pp. 33-59. 2017.

BARRIENDOS, Joaquín. La colonialidad del ver. Hacia un nuevo diálogo visual interepistémico. **Nómadas**. n. 35. pp. 13-29. 2011.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia del Sur y Descolonización**. Buenos Aires: Docencia, 2014.

DUSSEL, Enrique. **O Encobrimento do Outro: A Origem do Mito da Modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GOMÉS, Pedro Pablo & MIGNOLO, Walter. **Estéticas Decoloniales**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.



GURGEL, Maria Isabel do Amaral. **Não ao Não Lugar**. In: Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto. Disponível em: < <https://ia.art.br/material-institucional-download/>> Acesso em: 19 de set. 2023.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Curso de Estética**: O belo na Arte. São Paulo, 2009.

HOOKS, Bell. **Pertencimento Uma Cultura do Lugar**. São Paulo: Elefante Editora, 2022.

HUNT, Lynn. **A Invenção dos Direitos Humanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade de Julgar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson. On the coloniality of being: contributions to the development of a concept. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, 2007b, p. 240-270.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**: O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral**: Poéticas do Corpo-Tela. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MIGNOLO, Walter & VAZQUEZ, Rolando. Decolonial AestheSis: Colonial Wounds/Decolonial Healings. **Social Text Online**. 2019. pp.1-18.

MIGNOLO, Walter & WALSH, Catherine. **On Decoloniality**. Carolina do Norte: Duke University Press, 2018.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir. **MASP Afterall**. pp.1-15. 2019.

MIGNOLO, Walter. Aesthesis Decolonial. **Calle 14**. Pp.10-25. 2010.

MIGNOLO, Walter. **Historias Locales/Diseños Globales**: Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. 1ª reimpressão. Madrid: Akal, 2011.

MIGNOLO, Walter. **The Politics of Decolonial Investigations**. Carolina do Norte: Duke University Press, 2021.

MOREIRA, Antônio Flávio & CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo**: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

PAIVA, Alessandra Simões. **A Virada Decolonial na Arte Brasileira**. São Paulo: Editora Mireveja, 2022.



seminário
de iniciação
científica
ISSN 2558-6052



PELOSO, Franciele Clara; NETO, João Colares da Mota & MACHADO, Érico Ribas. Arte e Estética Decolonial: Um Diálogo a Partir da Colonialidade do Ver. **Revista Práxis Educacional**. n. 50. v. 19. pp.1-15. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder y clasificación Social. **Journal of world-systems research**, VI, 2, summer/fall 2000, p. 342-386.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina**. Argentina: CLACSO, 2000.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Colombia: Editorial Universidad del Cauca, 2010.

VAREJÃO, Adriana & SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Pérola imperfeita: A história e as histórias na obra de Adriana Varejão**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2024.